

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

A presente Proposição tem cunho cultural, pois pretende, ao instituir o Memorial em Homenagem ao Chimarrão, reverenciar os usos e costumes do gaúcho, diante dos elementos cuia, bomba e chaleira, que formam a simbologia do chimarrão.

O Memorial em Homenagem ao Chimarrão deverá ser construído em local onde possa ser apresentada toda a história do chimarrão. Com vida própria e alma aberta, deverá oferecer oportunidade para que os visitantes possam sorver e apreciar a bebida e entender a domesticação e a evolução do mate, que, ano após ano, é apresentado de várias maneiras quanto à sua ornamentação, contudo sem perder sua essência.

O Memorial em Homenagem ao Chimarrão poderá apresentar palestras esclarecedoras e valorizar também o momento poético com a apresentação de declamações, bem como com a exposição de letras de poesias que evidenciem o chimarrão.

Representante fiel da história que embala a paz quando passado de mão em mão, tornou-se parceiro dos gaúchos e gaúchas. Pode-se afirmar que não há gaúcho sem chimarrão nem chimarrão sem gaúcho, pois esse transporta o sentimento do ser a quem sorve, quando o estado de espírito declara gaúcho mesmo quem nasceu em outras querências. Como símbolo da hospitalidade e da amizade, o chimarrão só se toma entre amigos.

Assim, compreendo que o Memorial em Homenagem ao Chimarrão representará as boas-vindas aos visitantes, bem como a amizade que os porto-alegrenses têm a oferecer.

O mate ou chimarrão, hoje pode ser com ou sem açúcar. Herdado dos nativos deste chão, que domesticaram a erva-mate – *Ilex paraguayensis* – e fizeram o *ca'aigua* – do Guaraní, *ca'a*: erva, vegetação; *i*: água, líquido; e *gua*: originário de, procedente de. Isso para definir o chimarrão, propriamente dito: cuia, erva e a respectiva bomba.

O importante é que o chimarrão nasceu na América há mais de três mil anos, há cinco mil anos talvez, desenvolveu-se como cultura através dos tempos, tornando-se a bebida mais apreciada pelos gaúchos, sendo tão bem aceita que representa o amor cívico do povo, cevado e absorvido pela sociedade moderna, ultrapassando fronteiras e se estabelecendo em todos os continentes.

Recipiente originário da cueira, que dá o fruto conhecido também como porongo ou cabaça, a cuia tem ligação direta com o mate, palavra esta que advém de *matty*, derivada do Quíchua, e significa cuia. Essa ferramenta conquistou seu espaço místico junto aos curandeiros e pajés como instrumento sonoro e logo após como depósito de grãos ou água, a partir daí, tornou-se o primeiro elemento para se depositar a erva-mate e fazer o chimarrão.

A bomba do mate tem sua origem no *taquapi*, fala Guaraní para dizer “ponta de taquara”. Inicialmente, cortava-se a ponta de uma taquara, a qual era usada para sugar a água. Já no século XXI, a bomba foi modernizada, feita de metal, ornamentada com prata e ouro, no intuito também de valorizar o ritual que ostenta.

Antes de se usar a chaleira, o uso de potes feitos de cerâmica foi fundamental para servir o chimarrão, mais tarde, com a chegada dos africanos na América, apareceram as cambuas e, na sequência, apareceu a chocolateira. Essa última era um utensílio importado da Inglaterra, que continha chocolate e, após ser esvaziado, tornou-se útil para o aquecimento da água. Mas a

moderna chaleira de ferro popularizou-se no início do século XIX, junto com o ciclo da erva-mate, perpetuando-se como terceiro e fundamental elemento para servir um bom chimarrão.

A desenvoltura da produção da erva-mate no Brasil teve seu maior incentivo quando o Paraguai fechou as portas da exportação de erva-mate, isso fez com que a Argentina e o Uruguai viessem buscar o produto no Brasil. Esse fenômeno promoveu o chamado Ciclo da Erva-Mate, incentivando o cultivo no Paraná e em Santa Catarina.

O preparo do chimarrão é um ritual puramente campeiro, mesmo quando hoje aticamos o fogo nos modernos fogões elétricos. Nesse instante, a chama do sentimento de amor à terra nos leva para os mais íntimos momentos da nossa história. É fonte de inspiração dos poetas, aquecedor de infinitas madrugadas, parceiro da profunda solidão, companheiro fiel nos pousos das cavalgadas, nos enlances de namoro, nas carreteadas e até nos intervalos dos vários combates, carregando o espírito de heróis, como Sepé Tiaraju, afirmando que esta terra tem dono, de nome gaúcho e sobrenome chimarrão, ou Marechal Luiz Osório, quando, em 1856, realizou expedição e descobriu ricos ervais entre os rios Pindaí e Sebolati, no RS, no Alto Uruguai, derivando daí o cognome: Viejo Leon del Herval, dado pelos paraguaios (esse episódio rendeu-lhe a titulação nobiliárquica de Barão do Herval, em 1866, Visconde do Herval, em 1868, e Marquês do Herval, em 1869).

Entre os poetas mais conhecidos, o chimarrão foi fonte de inspiração para Glaucus Saraiva, Colmar Duarte, Martin Fierro, José Hernandez, Aureliano de Figueiredo Pinto e Vargas Neto e Jaime Caetano Braun, que escreveu:

“Velha infusão gauchesca
De topete levantado
O porongo requeimado
Que te serve de vazilha
Tem o feitio da coxilha
Por onde o guasca domina,
E esse gosto de resina
Que não é amargo nem doce
É o beijo que desgarrou-se
Dos lábios de alguma china”.

O poeta uruguaianense Silvio Aymone Genro, em uma de suas obras, afirma que *Se os senhores da guerra / mateassem ao pé do fogo / deixando o ódio pra trás / antes de virar a erva / o mundo estaria em paz.*

Pesquisadores do Centro Universitário Feevale, de Novo Hamburgo, atestam que o chimarrão, além de estimulante, faz bem ao coração. O trabalho desenvolvido pela biomédica Rejane Giacomelli Tavares aponta que o uso de cem gramas de erva-mate por dia pode causar a diminuição de 29% nos níveis do colesterol e de 62% nos triglicérides. Segundo a pesquisadora, quanto mais altos esses níveis, maior o risco de doenças cardíacas.

Outra pesquisa, assinada pelos professores Marcelo Soares Fernandes e Luciane Campos (do Grupo de Pesquisa em Etnofarmacologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, Unesc), Valdir Cechinel Filho (do Núcleo de Investigações Químico Farmacêuticas da Universidade do Vale do Itajaí, Univali) e Rui Prediger (do Laboratório Experimental de Doenças Neurodegenerativas da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC), revela que os

danos cognitivos em pacientes com a doença de Parkinson podem ser atenuados com o extrato da erva-mate.

Diante de tantas pesquisas, encontramos um fato mais do que curioso, pois se trata de uma novidade vinda do *Mundo da Erva Mate*. A novidade é a chamada Bala Funcional de Erva-Mate. O doce é feito com os mesmos ingredientes das balas de goma, com o acréscimo de um resíduo obtido na produção da erva. A novidade foi desenvolvida junto ao programa de pós-graduação em Ciências dos Alimentos da UFSC, que confirma o estímulo à atividade física e mental como uma das propriedades da erva-mate.

Segundo dados do Projeto Ervanova, o cultivo da erva-mate no Brasil é diretamente associado ao consumo do chimarrão, e essa cultura rende diretamente aos produtores mais de R\$ 150 milhões ao ano e gera cerca de 700 mil empregos diretos.

Na Capital dos gaúchos, ainda não existe um monumento que retrate fielmente o chimarrão, esse que se faz presente diariamente em residências, ruas, parques, restaurantes, mateadas, escritórios de empresas particulares e gabinetes públicos, inclusive nesta Casa. Porém, esta Proposição requer mais, sugere um Memorial que esteja ligado à vida da erva-mate, retratando toda a sua evolução, desde o plantio, a domesticação primária e o carijó, até a moderna moenda e a produção em massa.

Segue, anexa a este Processo, material extraído do livreto publicado pela Erva-Mate Ximango, com o título de *A História da Erva-Mate desde a Época do Índio até a Atualidade*.

Pelo exposto, contamos com o apoio dos nobres colegas para a aprovação da matéria.

Sala das Sessões, 3 de setembro de 2010.

VEREADOR BERNARDINO VENDRUSCOLO

PROJETO DE LEI

**Institui o Memorial em Homenagem ao
Chimarrão e dá outras providências.**

Art. 1º Fica instituído, no Município de Porto Alegre, o Memorial em Homenagem ao Chimarrão, com os objetivos de estimular o consumo do chimarrão e de preservar e difundir a sua história como costume e herança cultural que constitui o patrimônio do povo gaúcho.

Art. 2º O Memorial em Homenagem ao Chimarrão será construído em local que possa contemplar a exposição de uma cuia, bomba e chaleira.

Art. 3º O Memorial em Homenagem ao Chimarrão desenvolverá, além de pesquisas sobre a erva-mate, atividades culturais e educacionais, ensinando sobre as propriedades medicinais do chimarrão e o seu preparo.

Art. 4º A construção e a instalação, bem como a conservação, a segurança e o gerenciamento do Memorial em Homenagem ao Chimarrão, poderão ser realizadas por meio de Parcerias Público-Privadas (PPPs).

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.